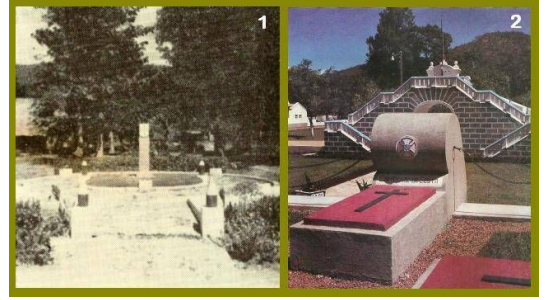


a todos os Portugueses que morreram a defender Timor em Setembro de 1942



1942 - Fevereiro.17 (3ªfeira)

A costa norte de Timor é alvo das tropas de assalto japonesas, que aproveitam a lua-nova da madrugada do dia de Carnaval para desembarcar a 5km oeste de Dili, começando imediatamente a ocupar posições estratégicas a fim de controlar toda a ilha.

Enquanto isso na capital do Timor Português, o governo territorial é exercido pelo inspector-superior capitão Manuel de Abreu Ferreira de Carvalho e o maior núcleo de europeus formado por 90 deportados, seguido em número por 59 militares (4 oficiais, 5 primeiros-sargentos, 10 segundos-sargentos, 22 primeiros-cabos, 18 segundos-cabos e soldados); quanto aos funcionários públicos, são cerca de 36; e os restantes civis são caboverdeanos, indianos, macaenses e mestiços locais, mais cerca de 12 colonos (antigos militares ou funcionários que se dedicam à agricultura ou pecuária) e 6 empregados da Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho.

No que respeita à guarnição militar territorial, é constituída apenas por duas companhias incompletas de recrutamento local, num total de 315 homens mal armados, comandados pelo capitão Freire da Costa coadjuvado pelos tenentes Liberato e Ramalho: 1 companhia de caçadores indígenas com 180 timorenses e 7 mestiços, armados de espingardas Kropatchiek e munições com quase 3 décadas, deterioradas e com 25-30% de falhas nos melhores lotes; e 1 pelotão de polícia de fronteira comandado por 1 sargento, à frente de 69 timorenses armados com espadas e carabinas Winchester e Remington que, para funcionar, tem de se substituir o fulminante por cabeças de fósforo.

[...]

1942 - Maio.31 (domingo)

Em Timor, os invasores japoneses cortam todas as comunicações com Portugal e começam a organizar "colunas negras", constituídas por indígenas arrebanhados no vizinho Timor Holandês, armados de catanas e zagaias - mas enquadrados por javaneses que, armados com carabinas holandesas, devastam o território português de Timor -, procurando assim ocultar a sua responsabilidade em tais actos, durante os quais são assassinados inúmeros portugueses.

Sob comando dos tenentes Ramalho e António de Oliveira Liberato, do primeiro-sargento António Joaquim Vicente e do administrador de posto João Mendes de Almeida, organizam-se pelotões de voluntários para combater as colunas negras. O contingente invasor nipónico chega a ter "um efectivo estimado em perto de trinta mil homens".

Entretanto generaliza-se o pânico na comunidade portuguesa, levando o funcionalismo público a encerrar muitos serviços e à paralisação do movimento comercial com o exterior, esgotando medicamentos, géneros alimentícios importados, calçado e tecidos, expediente, combustíveis e lubrificantes vários. As exigências dos japoneses agravam-se e a maior parte da população de Dili vive a esmo nas montanhas, quase sem roupas nem mobiliário; os funcionários que ainda exercem alguma actividade são obrigados a fazer diariamente 6-15kms sem transportes nem calçado.

[...]

1942 - Setembro [em dia indeterminado]

A sul de Dili, uma "coluna negra" – constituída por autóctones timorenses da metade holandesa contratados pelos invasores japoneses –, cerca na vila de Aileu a única companhia de caçadores de Infantaria que ainda resiste às tropas invasoras, ataca o quartel e a residência do capitão Freire da Costa, que é chacinado com 10 outros oficiais e sargentos, tal como quase toda a guarnição.

Enquanto isso em Turiscae, outra coluna negra massacra funcionários da administração civil portuguesa, sendo os sobreviventes dos raids japoneses levados para Dili onde ficam confinados num campo de prisioneiros, a maioria sob grande depressão nervosa.

[...]

1943 - Maio.13 (5ªfeira)

No Timor Português, após as chacinas perpetradas pelas colunas negras organizadas pelos japoneses sobre Aileu, Ainaro e Lautém durante o ano transacto, Dom Aleixo Nai-Sesso Côrte-Real régulo do Suro, ordenou a montagem de cinco postos de observação e resistência nas montanhas do Ramelau em torno da planície de Ainaro: ali fez frente às colunas negras esgotando munições e rações de milho e arroz, até que os aviões japoneses começaram a bombardear e metralhar os redutos nas montanhas do Suro-Lau, tendo os resistentes conseguido abater três aviões.

Sem apoio possível de Portugal, os grupos de militares australianos e holandeses retiraram-se quase totalmente de Timor acompanhados até Darswin por alguns civis portugueses, mantendo-se a Bandeira de Portugal ainda hasteada em Dili, Liquiçá, Maubera, Oé-Cussi e em alguns postos de fronteira.

Nestas circunstâncias, as tropas japonesas cercam hoje a resistência do Suro, prendem o régulo na tranqueira de Atu-Údu e matam todos os que ali se encontram, com excepção de dois criados de Dom Aleixo que mais tarde relatam o sucedido: após o assassinato do régulo do Suro, seus filhos e os régulos de Maubara, Dom Jeremias Lucas e Dom José Nunes, morrem em combate contra os japoneses.

[1] Taibesse-Timor: Memorial "Aos Portugueses de todas as raças, mortos durante a ocupação japonesa de Timor" (erigido em 1946 pela 1ªBtr/GIAM-Viseu, sob orientação do oficial subalterno Frederico Alcide de Oliveira)

[2] Aileu-Timor: Memorial de homenagem aos militares e civis Portugueses, mortos pelas "colunas negras" do invasor japonês, em Setembro de 1942